

GENTE DA TERRA

texto EDUARDO LACERDA e fotos LIANA JOHN



Um sobrevivente e os canibais

“Buenos dias, Señor!”

Ao entrar na farmácia, fico admirado com a saudação em espanhol do balconista, de evidentes traços indígenas. Pensando que ele fosse de algum país dos Andes, pergunto onde havia nascido. E qual não é minha surpresa quando ele responde, não escondendo o orgulho: “Sou brasileiro legítimo! Índio guarani, do Mato Grosso”. Adelaido Milciades Miltos é o nome conhecido pelos frequentadores daquela farmácia, porém, na verdade, ele é Yaci, um índio de 58 anos que resolveu se aventurar na cidade.

A façanha aconteceu quando Yaci tinha apenas 13 anos, prematura para os brancos, mas não para um

índio. Nessa idade, um jovem guarani tem idade e vivência suficiente para tomar conta da própria vida. E foi exatamente o que ele fez, com o consentimento do pai: saiu da aldeia, onde viviam 500 pessoas, em Ponta Porã (MS), com destino a São Paulo.

A decisão, um tanto ousada, baseava-se em histórias fantásticas contadas por um sargento do Exército, descendente de índios, que trabalhava no apoio à comunidade guarani. Yaci desejava ver um suposto povo canibal, cujo nome seria ‘bugre’, com índios muito fortes e de pele clara. E, para isso, empenhou-se com mais dois amigos numa caminhada de fôlego: eles andaram por mais de um mês até Terenos (MS), onde estava o sargento de confiança. O trajeto não

intimidou os aventureiros: “Na aldeia, a gente ficava um ou dois anos num lugar, depois andava 50, 200, 300 km, para cultivar arroz, milho, feijão”, relata. De Terenos a São Paulo, eles foram de caminhão e trem.

Sem falar uma palavra em português, os três foram deixados num colégio de freiras, perto da Estação da Luz. “Não esperava ver prédios. O chão, todo coberto com casa e asfalto, não fazia sentido. Tentava saber por onde a água saía, onde plantavam mandioca e as pessoas riam de mim”, conta. Às vezes, o diferente era motivo de pavor. “Na primeira vez que vi um bonde elétrico, achei que era um monstro. Fazia um barulhão e aquelas antenas soltavam faíscas quando batiam nos fios de energia. Eu não tinha onde me esconder e corri desesperado por uma avenida comprida”, lembra.

Com apoio de uma empresa privada, os três companheiros começaram a estudar. De acordo com Yaci, em seis meses ele já se comunicava em português e começou a ler tudo o que podia. Aprendeu também espanhol e adaptou-se bem ao mundo urbano, mas o mesmo não ocorreu com seus amigos, que voltaram para a aldeia.

Não demorou a conseguir o primeiro emprego no Hospital das Clínicas de São Paulo, onde ajudava na fabricação de próteses de madeira. E ali surgiu o convite para o ofício mantido pelo resto da vida: trabalhar em uma farmácia de manipulação. Nesse emprego, Yaci permaneceu por 35 anos, até se aposentar. Então, cansado de São Paulo, mudou-se para Jundiá, em um bairro próximo à Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Japi, onde trabalha até hoje como balconista de outra farmácia.

É de se supor que Yaci lance mão

Yaci se despede aos 12 anos quando sai da aldeia



do conhecimento trazido da aldeia sobre plantas medicinais, no atendimento cotidiano da farmácia. Mas, não. No mundo dos brancos, ele tem muita dificuldade em identificar as ervas certas. "Os nomes são diferentes e, às vezes, as folhas que a gente vê no comércio não são verdadeiras", ressalta.

Ele pensou em fazer um curso superior. No entanto, quando ia iniciar os estudos, recebeu a notícia da morte do pai, decorrente do coice de um cavalo. E foi obrigado a mudar os planos: com 12 irmãos, precisou ajudar a família com o seu trabalho.

A impossibilidade de cursar a faculdade não significou o fim do aprendizado. Mesmo com as dificuldades, tornou-se faixa preta no judô e conseguiu concluir um curso de massagem oriental. "Sempre consigo alguém que chega torto por aqui",

garante. Yaci também se mantém informado sobre o que acontece no mundo e, principalmente, com os povos indígenas: "Quando Pedro Álvares Cabral chegou aqui eram 5 milhões de índios guarani. Hoje, dizimaram tamoyos, goitacazes, tapajós..."

Pergunto sua opinião sobre o aquecimento global. "O homem da cidade pensa que árvore faz sombra pra ele, mas árvore faz sombra pra terra. Sem ela, a terra chora e faz ferida. A erosão é ferida da terra e isso dói na gente. Daqui a pouco a terra vai brigar pelos direitos dela, e vai brigar de foice", assegura.

A saudade da terra natal o acompanha desde o início da aventura, mas ele só retornou à aldeia vinte anos depois de partir, em 1982, de avião. Lá, foi chamado de 'doutor', infelizmente sem poder tratar o que

viu: "pessoas maltrapilhas", abandonadas à própria sorte. Naquele instante, teve a certeza de ter tomado a decisão certa, indo para a cidade.

Da última vez, há 2 anos, foi à aldeia de carro. Hoje, menos de 100 pessoas moram no lugar, na reserva de Dourados. Tudo mudou muito e todos vivem em casas de madeira. Segundo Yaci, "não deveriam mexer com a cultura dos índios. Todos os valores novos que chegam confundem o povo indígena".

Yaci conta dinheiro em guarani e digita o nome dos remédios no computador. Reafirma que seu verdadeiro desejo era mesmo conhecer os misteriosos índios brancos que comiam a carne dos inimigos. Com um sorriso de quem reconhece ter acreditado em uma lenda, admite que não encontrou nada disso... Ou encontrou?